

MAGGIO, Sandra Sirangelo. “Parâmetros da crítica literária vitoriana: uma reconstrução.” In: II SEMINÁRIO NACIONAL: MULHER E LITERATURA, Florianópolis, UFSC, 1989. Anais. Florianópolis, UFSC, Outubro, 1989. pp. 87-91

Resumo

O nome de Harriet Martineau se impõe, em pleno contexto vitoriano, como o de uma autoridade em assuntos de área econômica. Mulher bem sucedida em um universo masculino, solteira, declaradamente atesta e escritora politicamente engajada, é também considerada uma crítica literária competente.

É esta mulher que tem a incumbência de, em 1855, escrever o obituário de Charlotte Brontë. Neste trabalho, refere-se à vulgaridade e o caráter repulsivo das histórias de Emily e Anne, “insuportáveis para pessoas que não possuam nervos de aço”. Após colocar a culpa de tais distorções exclusivamente na negligência do Rev. Brontë quanto à educação das filhas, solicita aos leitores que relevem a falta de decoro presente, também, na obra de Charlotte. Pede que levem em consideração o fato de que a recém-falecida era “tão desastrada no manejo da agulha quanto no da pena” e de que “todos os de sua casa conheciam os seus dotes culinários muito antes de ouvirem falar de seus livros.”

O trabalho visa investigar os motivos que fazem com que até mesmo uma mulher articulada e inteligente como Martineau raciocine de maneira tão preconceituosa com relação à natureza de uma obra literária. A partir de certos comentários desta crítica com relação ao romance *Villette*, de Brontë, tentaremos resgatar alguns valores da época vitoriana para, a seguir, compará-los aos parâmetros adotados no século XX.

Parâmetros da Crítica Literária Vitoriana: Uma Reconstrução

Chega o dia em que toda a obra literária se torna um fóssil magnífico de idéias agora óbvias ou rejeitadas, sem qualquer credibilidade, mas cuja forma permanece esplendida¹. Se tomarmos como exemplo as resenhas de Harriet Martineau sobre a obra de Charlotte Brontë, acabaremos por concluir que o mesmo ocorre com relação a alguns marcos da crítica literária.

Em fevereiro de 1853 Miss Martineau publicava no DAILY NEWS uma resenha sobre o romance *Villette*, de sua amiga Charlotte Brontë. A crítica era bastante elogiosa, ressalvas algumas observações, como aquela em que eram indicados os dois defeitos do livro, “o exagero na apresentação do sofrimento e a intensidade obscena das emoções².” Miss Martineau não foi capaz de compreender o porquê da indignação de Brontë, que teve como saldo o rompimento de relações entre ambas.

Dois anos mais tarde, com a morte da escritora, esquecidos os ressentimentos, coube a Miss Martineau a tarefa de escrever o obituário de Charlotte Brontë. O objetivo do artigo era o de atrair a simpatia dos leitores, fazendo com que relevassem quaisquer falhas porventura encontradas nos romances. A causa da percepção um tanto distorcida da escritora era ali atribuída à negligência do Rev. Brontë quanto à educação dos filhos. Os feitos do erro paterno transpareciam na “vulgaridade que passa a obra das três irmãs, bem como na repugnância provocada pelos contos de Emily e Ann[e], realmente insuportáveis para pessoas que não possuam nervos de aço³.” Em defesa da recém-falecida, todavia, era importante ressaltar que fora “tão hábil no manejo da agulha quanto no da pena” e que “todos os de casa reconheciam a qualidade de seus dotes culinários muito antes de ouvirem falar em seus livros⁴.”

Tais observações visavam, obviamente, encontrar ressonância em uma ideologia vigente, que resgatasse a feminilidade de Brontë através de provas reconciliadoras de lealdade para com os deveres de seu sexo. Para os parâmetros da época, o depoimento de Miss Martineau funcionava como atenuante face à transgressão do código de silêncio e resignação por parte de uma escritora cuja obra ignora os limites de decoro permitidos pelos valores da época.

Mas quem foi, afinal, Harriet Martineau? Uma mulher articulada que surgiu, em pleno contexto vitoriano, como especialista em assuntos da área econômica; escritora politicamente engajada; socialista; ateu. E é justamente esta mulher cuja inteligência não pode ser questionada que pronuncia um discurso tão preconceituoso com respeito à natureza de uma obra literária.

Ao aprofundar sua análise dos defeitos de *Villette*, Martineau menciona o excesso de “miséria subjetiva”. Ressalta que “atrás de tudo, por tudo e sobretudo, percebe-se um inconveniente – que já nos perturbava antes, mas que surge agora de forma muito agravada: o livro é quase insuportavelmente triste⁵.” Quando, finalmente, reclama que quase não há personagens “edificantes” no romance, a autora da resenha deixa claro que suas idéias se baseiam no conceito da função moralizante da arte.

Por estranho que possa parecer ao leitor moderno, Martineau não é a única mulher sensível e inteligente que se deixa levar por essa prática. A própria Brontë, em uma carta a seu editor, deixa claro que “se o que o autor escreve não enriquece o leitor, ele sente como se tivesse falhado em seu objetivo e perdido, por assim dizer, seu tempo e esforço⁶.”

Outro exemplo da atitude paradoxal de Brontë com relação ao compromisso do artista é encontrado no prefácio da edição de 1850 de *O morro dos Ventos Uivantes*. Referindo-se ao protagonista, declara: “se é certo ou aconselhável criar algo como Heathcliff eu não sei; acho que não é.” Porém, após a puritana, fala a artista:

“Mas isto eu sei: o escritor que tem o dom da criação possui algo de que nem sempre é senhor – algo que às vezes opera por vontade própria. Seja a obra sombria ou radiante, assustadora ou sublime, não há o que fazer senão aquiescer em silêncio. E quanto ao autor nominal, seu mérito consiste apenas em atender passivamente a ditames que não pronuncia e nem questiona... se o resultado é atraente as pessoas aplaudem, como se a honra lhe pertencesse; se é repulsivo, as mesmas pessoas o responsabilizam, as ele que tão pouco merece a culpa.”

Portanto, a intenção sincera de enriquecer e de edificar o leitor, de agradar à família, aos amigos e a crítica, de não desgostar a sociedade, tudo cai por terra assim que o comprometimento com o “dom da criação” é mencionado. Esta é, em última análise, a grande diferença entre Martineau e Brontë, que parecem ocupar posições simétricas neste jogo vitoriano de valores. A primeira, bem sucedida em um universo masculino, presta sua contribuição para com o sistema ao tornar-se porta-voz de um discurso patriarcal. A segunda, uma anônima puritana, transcende o código do silêncio e torna-se a transgressora ao proceder à tomada da palavra.

Dentre as heroínas de Brontë, Lucy Snowe, em *Villette*, é a que melhor traduz a angústia provocada pela impossibilidade de ação e de expressão. Assim como *Jane Eyre*, inicia sua história sem família, sem bens ou atrativos, ressentindo-se da série de circunstâncias que tornam a sua invisibilidade social quase que intransponível. A diferença entre as duas personagens é que Lucy começa a acreditar nesta invisibilidade e a utilizá-la como um esconderijo. “Eu quis fazer um trato com o Destino no qual, para evitar grandes agonias esporádicas, me submeteria a uma vida inteira de pequenos incômodos e privações.” Inicia-se então um processo de auto-anulação em que Lucy se torna cada vez mais calada, chegando a emigrar para um país onde não conhece ninguém, cuja língua não fala nem compreende. Passa então a trabalhar como babá para os filhos da proprietária de uma escola para moças.

Em certa ocasião sua patroa é visitada por um jovem médico inglês que é bastante atraente. Humilhada ao ver-se ignorada por todos os presentes, e sentindo-se mais como parte da mobília do que como ser vivente, ainda assim não resiste e encara o rapaz por intermédio de um espelho que lhe possibilita uma tênue, ainda que distorcida, aproximação da realidade. Reconhece nele,

então, John Graham, seu companheiro de infância, mas é incapaz de verbalizar a descoberta, recuando mais ainda para dentro do seu mundo de silêncio. É apenas ao nível do inconsciente que Lucy reage. Fica doente, e passa a ser tratada pelo jovem médico. Culpa-o, então, por não perceber que é mulher e que se sente atraída por ele, sem admitir que é ela mesma quem esconde a própria feminilidade.

Enquanto Lucy procura conforto fingindo que o silêncio é sua escolha pessoal, sua auto-imagem e sua imagem exterior se dissociam cada vez mais. Esconde-se, e então despreza as pessoas que não conseguem conhecê-la. Quando uma das moças do pensionato pergunta “Quem é você, afinal, Miss Snowe?”, Lucy tem duas respostas: “Talvez eu seja alguém muito importante e disfarçado”, “O João-ninguém que uma vez você pensou que eu fosse.” Na realidade, ambas as respostas estão corretas, em níveis diversos. A “pessoa importante disfarçada” vive de migalhas, tais como o conhecimento secreto de que o Doutor John é o seu velho amigo Graham. Apesar de descabido, todo este mistério é necessário para que Lucy alimente a noção de que possui pelo menos um pequeno trunfo – este é o fato que a impede de acreditar que não passa de um “João-ninguém”. E é por isso que não pode ser verbalizado, pois perderia a magia e seria encarado como uma trivialidade, fazendo com que Lucy percebesse que não é ela quem controla o silêncio, e que o refúgio no qual se abriga é na verdade o elemento que a aprisiona e que a conduz a perda da sanidade.

E é assim que a história de Lucy se constitui num dos raros registros e tratar deliberadamente do tema do silêncio. Não é de admirar, portanto, que uma análise tão densa dos efeitos por uma censora do porte de Miss Martineau. Mas o mais interessante, porém, é que foi justamente esta atitude de reprovação da crítica vitoriana com a relação à *Jane Eyre*, a *Shirley* e (principalmente) a *O Morro dos Ventos Uivantes* que provocou em Brontë a ira necessária para a criação de *Villette*.

NOTAS

- (1) George Bernard Shaw, parafraseado por John Maynard. IN: MAYNARD, John. *Charlotte Brontë and sexuality*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- (2) MARTINEAU, Harriet. Resenha sobre *Villette* publicada no *DAILY NEWS* de 03/jan/1853. IN: ALLOT, Mirian (Ed) *Charlotte Brontë: JANE EYRE and VILLETTE – a casebook*. London, MacMillan, 1973.

- (3) MARTINEAU, Harriet. Obituário de Charlotte Brontë publicado no DALY NEWS, abr/1855. IN: ALLOT, Miriam (Ed) The Brontës: the critical heritage. London, Routledge & Kegan Paul, 1974.
- (4) Idem.
- (5) MARTINEAU, resenha, op. cit.
- (6) GÉRIN, Winifred. Charlotte Brontë: the evolution of genius. Oxford, Clarendon Press, 1967.
- (7) Prefácio de Charlotte Brontë para a segunda edição de O morro dos ventos uivantes, sob pseudônimo. (BELL, Currer. "Editor's preface to the new 1850 edition") IN: BRONTË, Emily. Wuthering Heights. Harmondsworth, Penguin, 1988.
- (8) BRONTË, Charlotte. Villette. Harmondsworth, Penguin, 1988.
- (9) Idem, p. 393.